

**GREI:
GRUPO DE ESTUDOS SOBRE INFÂNCIA:
HISTÓRIA E CONTEMPORANEIDADE**

**Maria Cristina Soares de Gouvêa
Levindo Diniz Carvalho**

O GREPI constitui grupo que busca agregar os estudos sobre a infância, a partir de dois eixos investigativos: pesquisa histórica e contemporânea.

Tem-se em vista apreender os processos de formação e participação da criança na vida social, entendendo-a como ator que, em suas interações cotidianas com os pares e adultos constrói formas singulares de apreensão e significação do mundo, o que vem sendo definido na produção contemporânea da área como cultura infantil.

Parte-se do pressuposto que as formas de participação da criança na vida social são construídas a partir de sua identidade geracional, quer seja, de sujeito definido pela condição infantil. Neste sentido, como aponta Qvroutrup, o sujeito empírico criança tem sua experiência de participação na cultura definido pelo conjunto de saberes e práticas sociais historicamente construídos que informa a infância.

Se tal perspectiva perpassa as diferentes investigações já desenvolvidas (12 dissertações de mestrado, 6 teses de doutorado, 3 pesquisas), os estudos contemplam as diferenciações teórico- metodológicas na condução de dois eixos investigativos: pesquisas históricas e contemporâneas sobre infância.

O eixo das pesquisas históricas contempla, por um lado, os processos de formação da criança, em espaços e instituições sociais singulares, dentre as quais se destaca a escola. Por outro, a constituição de saberes sobre a infância que informam as práticas de cuidado da criança. Embora esta constitua ator histórico, o desafio metodológico característico do campo é que a criança dificilmente deixa registros de sua experiência social, dada a peculiaridade do uso das linguagens na significação do mundo e suas formas de participação na vida social.

Temos contemplado, neste eixo, a constituição de saberes científicos sobre a infância (destacadamente a emergência, ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX da chamada psicologia científica) e o processo de escolarização da criança no Brasil, buscando resgatar a construção histórica da escola como espaço privilegiado de formação da criança para a vida social, bem como as tensões nas condições de acesso da criança à instituição, definidas por sua identidade de gênero, classe e raça/etnia.

O eixo de estudos sobre a criança na contemporaneidade tem contemplado com maior destaque o estudo das formas de significação do mundo construídas pela criança nos grupos de pares e na interação com adultos. Vimos investigando diferentes linguagens (destacadamente desenho, brincadeiras, linguagem oral) e processos de participação da criança tanto em espaços institucionalizados (escola), como também em outros espaços sociais (praças, acampamento do movimento sem terra, bairro).

Ambos eixos ancoram-se numa perspectiva interdisciplinar cujas referências teórico-metodológicas dialogam com distintos campos científicos. Assim é que o título do grupo de pesquisa GREI: Grupo de Estudos da infância: história e contemporaneidade; busca resgatar a nomeação do campo acadêmico que emergiu ao final do século XIX, voltado para compreensão da criança, os chamados child studies, fundado num conjunto de saberes da sociologia, antropologia, medicina, biologia, estatística e das nascentes psicologia e pedagogia.

Dentre as diferentes pesquisas já conduzidas, optou-se por apresentar neste evento 3 estudos voltados para compreensão das formas de participação da criança na vida contemporânea, contemplando o estudo de linguagens da criança (desenho e o obsceno infantil) e suas formas de participação em espaços coletivos (escola a parque público). Tem-se em vista apreender como dá-se a produção destas linguagens em interações sociais, em contextos escolares. Por outro, como as crianças se apropriam do espaço urbano, dando-se destaque às suas interações com os pares e adultos em um parque público e no interior de projetos escolares voltados para exploração da cidade.

RESUMO 1 A REPRODUÇÃO INTERPRETATIVA DO OBSCENO INFANTIL

Cibele Noronha de Carvalho

Este trabalho pretende investigar o compartilhamento entre crianças de músicas, anedotas e brincadeiras tradicionais com informações interditas pelos adultos, sobretudo no que concerne à sexualidade. Trata-se de saber como e por que as crianças reproduzem, criam, interpretam e transmitem um conjunto de saberes organizados em um “folclore obsceno infantil”. No livro intitulado *Le Folklore Obscène des Enfants*, Claude Gaignebet define esse repertório como “um certo número de textos, falas e gestos compartilhados no interior das sociedades infantis, que podem ser qualificados de obscenos”, [...] “porque ofendem o pudor e a decência” (GAIGNEBET, 1974, p. 12, tradução minha). O trabalho ainda operou com os conceitos de “administração simbólica da infância” e “reserva simbólica do adulto”, de Manuel Sarmiento e “reprodução interpretativa”, de Willian Corsaro.

Tal estudo pressupunha que esse compartilhamento, naturalmente, serviria a uma curiosidade sexual infantil, sendo fonte de prazer ou de alívio do desprazer. Pressupunha ainda que, apesar de marginalizado pelos adultos, esse repertório poderia assumir a forma de uma interação social integrativa de um grupo que escolhesse atender ao seu ofício de criança em detrimento do seu ofício de aluno. Isto posto, o estudo buscou, portanto, compreender como e porque as crianças reproduzem interpretativamente essas informações entendidas como uma reserva simbólica do adulto.

Como recursos metodológicos, optou-se pela análise do cotidiano escolar de crianças de seis e sete anos. A observação foi realizada em uma escola que atende famílias provenientes de frações intelectualizadas das classes médias, em geral críticas da educação tradicional, e que comumente se autodenominam “alternativas”, “politizadas” ou “democráticas”.

Os resultados mostraram um fraco compartilhamento do obsceno quanto à quantidade. Quanto à forma, ele não se apresentou como um folclore, mas predominantemente, como uma investigação escolar mediada pela professora.

Para tentar explicar esses resultados, foram levantadas as seguintes razões: Talvez a baixa incidência do obsceno infantil na observação se devesse à idade daquelas crianças que, encerrando a primeira infância, desenvolvem sentimentos de vergonha e de repugnância que então se alçam contra os prazeres perversos da primeira infância.

Ademais, torna-se difícil desconsiderar que tal compartilhamento apontou uma significativa mediação da cultura produzida por adultos e endereçada às crianças. Assim, através da assepsia dos programas infantis, imbuídas da precaução a todos os riscos contemporâneos alardeados (a obesidade, os traumas, a sexualização precoce ou o bullying), as crianças urbanas das camadas médias lidam com assuntos

considerados adultos de forma significativamente mediada, até porque, convivem pouco com crianças de outras idades e de realidade social diversa.

Cogitou-se ainda que a baixa incidência do folclore talvez seja efeito da instabilidade dos discursos e narrativas tradicionais, fruto de diversas rupturas sociais a que assiste à chamada segunda modernidade.

Por se tratar de um estudo de caso, credor das especificidades do grupo em questão, tais conclusões não poderão ser universalizadas, tampouco esgotam as possibilidades de existência de outros modos e outras razões.

Palavras-chave: Culturas da infância. Sexualidade. Folclore

RESUMO 2: O DESENHO INFANTIL PRODUZIDO NO TRÂNSITO DS MEDIAÇÕES SIMBÓLICAS

Adriana Torres Máximo Monteiro

No contexto da educação infantil, a pesquisa desenvolvida teve como objetivo buscar referenciais advindos da Psicologia Histórico-cultural e da Sociologia da Infância para ampliar compreensão e análise do desenho infantil. A partir dessas bases teóricas buscamos compreender a complexidade que envolve o ato da criança desenhar no fluxo das interações com seus pares, tendo como foco o processo de criação dos desenhos, para responder às questões básicas: Quem é a criança que desenha? Quais as possíveis interpretações do desenho que é produzido na escola?

A análise microgenética possibilitou os processos de captura, descrição e análise do que acontece com as crianças e seus desenhos, quando desenham juntos na escola. E ainda, nos permitiu delimitar um estudo de caso que destaca a voz e a participação das crianças de quatro e cinco anos na pesquisa. O material empírico capturado resultou em dados histórico-culturais, sociológicos, narrativas visuais e orais. Nessa perspectiva, sob a ótica entrelaçada da intervenção da professora, materialidade, estética, interações sociais, mediações semióticas e das significações socioculturais, foram construídos modos de olhar as crianças e seus os desenhos.

As crianças, entendidas como sujeitos, revelaram por meio do trânsito entre as linguagens, que pensam criticamente sobre o mundo em que vivem e que as cerca. E ainda, realçaram simbolicamente não ocupam lugar na hierarquia da escala social, sendo silenciadas pela descrença do adulto em relação à suas ideias e capacidade de produzirem a cultura. Contrariando esta lógica, percebeu-se que as crianças expressam como se apropriam, articulam, manipulam valores, códigos éticos, culturais e sociais.

Para tanto, investigamos as influências da interação social, das linguagens e significação de mundo, nos processos da criança criar, imaginar, e expressar a visão que tem do mundo. E ainda, perceber qual a importância do contexto escolar na atividade de desenhar. Nesse contexto, compreender as crianças por elas mesmas, pela suas vozes e imagens gráficas que produzem.

No presente trabalho destacaremos a ligação entre desenho e diferentes linguagens, como essas dimensões se organizam mutuamente, realçando a função das mediações simbólicas que acontecem no momento em que os desenhos são elaborados e produzidos por um grupo específico de crianças.

Palavras chave: desenho- interação- linguagem

RESUMO 3: INFÂNCIA, ESPAÇO PÚBLICO E ESCOLA

**Levindo Diniz Carvalho
Samy Lansky**

Este texto procura analisar processos infantis de inserção e participação na cena social, a partir da análise da presença e da circulação de crianças por espaços públicos e equipamentos sociais de Belo Horizonte. Examina-se aqui como as crianças, em sua ação coletiva, apropriam-se, reinventam e interpretam a cultura adulta, os espaços destinados a elas - tais como a escola - e os espaços vistos como inadequados, tal como a rua.

Serão apresentados registros/episódios etnográficos que revelam a percepção que as crianças constroem sobre o espaço e a cidade, suas formas de apropriação e circulação e os sentidos atribuídos aos mesmos.

Pretende-se trazer à tona elementos de dois estudos de caso, tendo como referência as perspectivas estruturais e interpretativas da sociologia da infância, operando-se com os conceitos de “agência” (A. Prout), e infância como “categoria estrutural” (J. Qvortrup), e com trabalhos no campo da antropologia da criança (C. Cohn).

O primeiro estudo de caso, é uma etnografia multiespacializada de cotidianos infantis, com crianças de seis a oito anos de idade, em uma escola pública, a qual oferece o Programa Escola Integrada. Esse programa amplia a jornada escolar para nove horas diárias, com a oferta de atividades de esporte, arte, cultura e acompanhamento pedagógico, e possui parcerias com espaços comunitários e culturais.

Deste trabalho emergem as reflexões acerca da necessidade de compreensão da infância como foco da política social numa perspectiva intersetorial. Além disto, é dada visibilidade aos processos de institucionalização da infância a partir de uma escola de tempo integral que lança mão dos espaços/equipamentos públicos do bairro na perspectiva de territórios educativos.

O segundo procurou, através de uma etnografia, formas de observar, conhecer e mapear o espaço público na perspectiva das crianças. O recorte espaciotemporal adotado na investigação é singular: os arredores do Parque da Barragem Santa Lúcia

em Belo Horizonte, localizado entre uma favela e um bairro de classe média alta – uma fronteira urbana. Ao considerar que os espaços e seus usos se distinguem de acordo com a inserção social dos sujeitos, a discussão se aproxima das análises sobre a desigualdade e segregação socioespacial. Aborda os modos de vida de crianças pertencentes a distintos grupos sociais e como são materializados nos espaços.

Por fim, as experiências das crianças aqui apresentadas contribuem para as análises sobre a visibilidade da infância nos espaços públicos, seu direito à cidade e sua formação para a cidadania.

Palavras-Chave: Infâncias, Cidade, Espaço Público, Educação Integral.